



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5930 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

EDUCAÇÃO, ARTE E FILOSOFIA: POSSIBILIDADES DE DEVANEIO POÉTICO EM BACHELARD, DISNEY E DALÍ

Karina Alves Cargnin - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Daniela Cristina Viana - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

EDUCAÇÃO, ARTE E FILOSOFIA: POSSIBILIDADES DE DEVANEIO POÉTICO EM BACHELARD, DISNEY E DALÍ

O espaço é aquilo que poeticamente vivemos em nossa presença no mundo. A indagação “o que é isso?” se faz necessária em Bachelard, pois questionamos o que se mostra e como se mostra, a partir do método da fenomenologia. Pela infância, a fenomenologia exercita um modo de ser ingênuo, que indaga o que está “aí”, o que se apresenta. Este modo de ser criança, sempre disposto ao novo, ao susto, ao encantamento, à admiração e ao maravilhamento, é próprio da fenomenologia, revelando aquilo que sempre esteve presente, evidenciando a possibilidade de captura da novidade no pensamento pela imagem poética da linguagem. Para o autor, a poética habita o limiar do ser, encontra-se entre o eu e as coisas, entre o eu e o mundo, entre o eu e “eu”.

Para Bachelard, é por meio do devaneio que se tem a fenomenologia. Dessa forma, sempre solitário o devaneio escapa ao tempo e é, um estado de alma, um estado que não precisa de uma causa formal, apenas de pretexto, desloca-se da realidade para a criação e acessa um cosmos poético. Entretanto, faz-se necessário suspender o conhecido (o que é do pertencimento da razão) para experienciar com novidade. Com a suspensão do juízo - *epoché* - para afastar preferências que transformam gostos em hábitos e talvez, desprender-se de pré conhecimentos e conceitos, para sentir verdadeiramente e poder degustar o novo.

Deste modo, esta comunicação visa apresentar um estudo artístico e filosófico ocorrido no horizonte de um núcleo de pesquisa em arte na educação, sobre o entrelaçamento entre o curta metragem de animação Destino, criado pelos artistas John Hench (da Companhia Walt Disney) e Salvador Dalí, em 1945-6 (concluída apenas em 1999 por Roy Disney inspirado nos desenhos originais) e a obra *A poética do devaneio* de Gaston Bachelard.

A referida obra inicia com uma reflexão sobre a opção pela fenomenologia e uma crítica ao filósofo porque este poderia apenas refletir sobre o que já se foi, no passado, como uma coruja de minerva. E não poderia expressar-se sobre o novo, vivenciar o porvir, a novidade, o fresco, ou melhor; não poderia “[...] acolher imagens novas que nos oferece o poeta” (BACHELARD, 1988, p. 3). O autor segue retratando que os devaneios se caracterizam em dois aspectos, o devaneio diurno - *rêveries* (devaneios) - naturais e úteis para o equilíbrio psíquico, e o devaneio noturno - *rêves* (sonhos) - amplamente discutido pelos psicólogos. Bachelard salienta que, para a psicologia existem apenas dois polos de estudo, o

polo do pensamento claro e o polo do sonho noturno, seguros de ter sob seu exame todo o domínio da psique humana, os devaneios diurnos ficam à parte dos estudos psicológicos. Nesse sentido, o autor critica a psicologia que julga os devaneios diurnos como sonhos confusos, sem estrutura, história ou enigmas.

A tese avança sustentando que em todo psiquismo há um duplo, um *animus* e uma *anima*. Estabelece uma relação, tal que, o sonho está subordinado a um *animus* - vinculado ao masculino, e o devaneio a um *anima* - vinculada ao feminino. Afirma que ambos, embora antagônicos e complementares, existam em si, no outro, ou seja, existe um feminino no masculino e o contrário se faz verdadeiro. Entretanto, em meio ao devaneio, as tensões entre *animus* e *anima* são ressignificadas. Logo, para Bachelard (1988, p. 56) “[...] quando o devaneio se aprofunda, tais oscilações são amortecidas e o psiquismo reencontra a paz dos gêneros, aquela que o sonhador de palavras conhece”.

Dessa maneira, com Destino, somos convidados a ingressar numa viagem onírica de um outro, de Dalí. O curta metragem nos abre uma possibilidade surrealista entre milhares, de ver como transcorre a estrutura de um sonho, ou melhor, de um devaneio poético.

O Manifesto Surrealista (Breton, 1924) se dá a favor das imagens do inconsciente para formar uma nova estética e pela psique demonstrar a verdadeira dimensão da arte. Pois, anuncia que acredita “[...] na resolução futura destes dois estados, tão contraditórios na aparência, o sonho e a realidade, numa espécie de realidade absoluta, de *surrealidade*, se assim se pode dizer.” (BRETON, 1924, p. 6, itálico do autor).

As imagens oníricas encontram no movimento surrealista seu deslocamento da realidade na direção do inconsciente. Com tal característica, Argan (1992, p. 360) comenta que apesar das coisas se afigurarem como distintas e não-relacionadas, “[...] revelam-se interligadas por relações tanto mais sólidas quanto mais ilógicas e incriticáveis”, visto que evidenciam o uso da linguagem artística como comunicação vital e biopsíquica.

Com efeito, a imaginação que se une à memória no devaneio pode trazer o universo das cores, formas, sentidos e maravilhamento da infância, como quem vê o mundo com uma curiosidade original, onde nosso ser de outrora imagina reviver e onde nossos sonhos são recepcionados pela amplitude da liberdade criativa.

O contato atemporal com esse ser primeiro da nossa existência, por meio dos sonhos é pautado por Bachelard (1988, p. 103): “Éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?”. E assim, o autor nos transporta por este devaneio canalizado nos exercícios da memória da infância como a possibilidade de acessar outros mundos e destinos possíveis.

Com efeito, a música, que deu origem ao nome do curta Destino, é uma balada mexicana de Armando Domínguez, interpretada por Dora Luz, e conta (sem diálogos) a história de amor entre Cronos, a personificação do tempo, e uma mortal. Destino sugere uma sucessão de acontecimentos, nem sempre retílicos que, misturados confusamente, compõem uma ordem cósmica misteriosa do inevitável.

A representação mítica do Destino, liga-se e religa aos outros elementos da obra de Bachelard, o que a torna tão maravilhosa em Dalí. Para Bachelard a poesia condensa muitas imagens em um só verso, em Destino, a imagem poética do curta nos transporta para outros espaços de discursos, signos, afetamentos e memórias.

Não compete a este resumo, uma explanação fiel de todas as percepções e possibilidades imagéticas e devaneantes que experienciamos e discutimos na obra Destino,

sobre o manto de Bachelard. Entretanto, cabe-nos alguns destaques.

Chrónos, deus grego do tempo, é uma pirâmide de pedra, com rachaduras na extensão de sua estrutura, indicando que está na iminência de um rompimento de si. Na mitologia grega Chrónos é a personificação do tempo eterno e imortal. Cabe nossa atenção ao termo “eterno”, como algo que sempre existiu e sempre existirá. Remete-nos a ideia de Deus, ao problema filosófico ontológico sobre origem do universo, origem do ser. Por que existe algo e não antes o nada? O que deu origem a tudo? E quem ou o quê deu origem a este, que deu origem a tudo? Eterno retorno de Descartes...

Por isso Chrónos está esculpido em uma pedra triangular, o triângulo tem representações mais ou menos equivalentes em diferentes sociedades e organizações humanas. Símbolo do tempo, é passado, presente e futuro, ao passo que também remete à nascimento, vida e morte, entre outros. No cristianismo é a Santíssima Trindade. Para algumas civilizações é sol, fertilidade e saúde. Para os gregos remete à início, meio e fim, remete ao eterno retorno ao mesmo, sempre deslocando, em movimento, pois não se pode segurar ou parar o tempo. Remete ao eterno retorno de Nietzsche... Para Heráclito tudo flui e nada permanece. A própria pedra esculpida de Chrónos simboliza uma conexão com história do homem, pois o tempo é uma criação do homem. A pedra bruta remete aos deuses, se esculpida remete ao homem, algo desnaturalizado, profano, humano. Cabe ler sobre o mito de Prometeu, que enganou Zeus esculpindo homens e mulheres do barro. Segundo a biblioteca de Apolodoro, na mitologia Prometeu era creditado como criador da humanidade “[...] moldando os primeiros homem e mulher com barro umedecido. Essa primeira raça de humanos andou pela terra apenas por uma geração, antes de ser varrida numa enchente de alcance mundial por um Zeus irado”. (WILKINSON, 2018, p. 37).

Outros discursos podem ser percebidos como a jovem mulher, magra, longilínea, cabelos lisos e longos, olhos claros e, uma característica nova, a pele morena, o que não era comum nas representações habituais das princesas da Disney da época. A mulher, ser mortal, dançava seminua e nua nos momentos onde os olhares, literalmente apontam para si. Cria e recria suas vestes pela sombra de sua invenção. Ela representa o desejo sensual e por desejo emanam inúmeras interpretações. Em certo momento a mulher se torna dente de leão, uma flor que soprada, entrega ao destino a possibilidade do amor desejado. As pétalas chegam até Cronos, tornam-se andorinhas, que o atravessam e o transformam de pedra em carne. Uma representação de esperança, mudança de inverno a primavera, de boa sorte, de fertilidade e metamorfose.

Muitos elementos do curta necessitam de uma imersão direta ao devaneio de Dalí, algo que é impossível, visto que não poderíamos acessar esse “eu mesmo” em Dalí, ou de qualquer outro. O que significa a cavidade triangular na mão de Cronos, de onde saem formigas que se transformam em homens? Seria efeito das transformações do pós-guerra, 1945-6, das mudanças econômicas globais envolvendo a ascensão dos meios de produção pela venda da força de trabalho e formação do proletariado? Estaríamos às voltas com a obra *Tempos Modernos* de Charles Chaplin. Parece-me que os homens em suas bicicletas, indo e voltando com pressa, levam sob suas cabeças um pão, talvez o pão de cada dia? Ficamos no imaginário de suas obras.

Dalí é devaneio, ao passo que exprime um fulgor de realidade. Logo, os sentidos atribuídos aos elementos não têm sentido e, ao mesmo tempo, têm. É devaneio poético. Para Bachelard o mesmo se faz diferente com o mesmo. Pois cada qual, a partir de seus referenciais, cria seus próprios sentidos de Destino. Está aí, mais uma vez, a potência da arte.

Para entender a dimensão de Destino em Bachelard é preciso retornar às coisas mesmas, é preciso voltar às questões que movem a filosofia (e a humanidade) desde os tempos

mais remotos do conhecimento, a divisão do ser em alma e corpo, consciência e mundo, homem e natureza. Bachelard acredita que somente a arte poderia revelar a verdade do ser, o eu mesmo, indiviso e múltiplo ao mesmo tempo.

Um filósofo da psicanálise, Jacques Lacan, versa que a ciência do sujeito está na análise do discurso, revela que somos seres de discurso, de troca de linguagem, ou seja, que o inconsciente se estrutura como linguagem (FERREIRA, 2002). De fato, quando nascemos já ganhamos um nome. Somos definidos pela linguagem atribuída por um outro, já no ato do nascimento. Por isso Bachelard escreve que é preciso se libertar do nome. Ao nomear as coisas retiramos o mundo das coisas, retiramos a possibilidade de ser o cosmos, ser tudo e também de não ser o nada. Retiramos a mundanidade em Heidegger (2015), o *dasein*, ser aí, referente ser no mundo.

Pela linguagem o ser simboliza, articula, rediz o que há. Ao nomear retiramos a potência das coisas, pois a definimos, encaixotamos, classificamos, encaixamos, marcamos... Isto é aquilo, isto é isto... Isto “é”. O verbo ser é um elemento de ligação, uma cópula de juízo entre sujeito e predicado. Atribuímos um juízo (razão) sobre as coisas e assim, as dividimos. Retiramos a potência do “ser” em ser indiviso e, ao mesmo tempo, múltiplo. E se o ser é único, não é nada que está aí, e ao mesmo tempo é tudo que existe, é o cosmos. Mas como acessar este ser primeiro, das coisas primeiras? Este ser da infância que o olhar é inocente e desarticulado com as coisas definidas pelo mundo dos homens (*animus*)?

A escola ainda prioriza suas ações no pensar (na razão) e, principalmente, no fazer, com ênfase no que foi efetivamente produzido. Contudo, a arte não está somente contida em aulas de arte. Qual seria então, este lugar da educação poética, educação sensível na escola pós-moderna? O ato de pensar sobre educação, expõe, sobretudo, uma reflexão sobre a ação. Segundo Martins (2011) a mediação cultural do conhecimento, expõe três conceitos básicos quando abordados pelo viés poético: a) da nutrição estética; b) da curadoria educativa; e c) da ação propositora.

A nutrição estética provoca encontros com a arte, conferindo-nos a possibilidade de outros conhecimentos que lhe são particulares. Quando o professor reflete sobre estes encontros, ou seja, sobre o que levar para a sala de aula, sobre os artefatos artísticos (a arte e sua historicidade), invariavelmente, estará ele desenvolvendo uma educação poética, uma consciência de curadoria. A curadoria declara, exterioriza, a consciência afetiva e sensível do professor, ou seja, denuncia sua sensibilidade em gerir a arte, e, suas escolhas, evidenciam os propósitos de suas ações. Alinhado a outros conhecimentos científicos, filosóficos, históricos etc., a poética clama em transitar pelo território amplo da educação, gerando outros esquemas de conhecimento.

Uma vez que a escrita poética (e com uma licença para o próprio saber, as diversas linguagens da arte e a educação do sensível como um todo) possui, em sua gênese, a condição necessária para criar sentidos de mundo, e, por tal condição, pode expressar a vida, as relações e o mundo de forma singular e, ao mesmo tempo, universal, tornando-se indispensável ao fazer educativo. Entende-se que a escrita deva ser para cada qual única e, para todos ao mesmo tempo. Porém, escrita é marca, é a formação indissociável do domínio intelectual e sensível daquele que escreve e pesquisa, que se transporta ao texto, que incorporado vive naquilo que escreveu. E nesse caso, não só a escrita é a sua marca, como também sua voz, seu traço, seu desenho, sua música, sua arte, envolvendo intensidade, coragem e rebeldia. (NIETZSCHE, 1999).

Ainda, para Aristóteles (2017) a escrita poética opera sobre a lógica da *mimesis*, que é a capacidade de representação do outro, da ação humana. Assim, a *mimesis* é inata ao ser humano, é prazeroso, é natural; produz a catarse (tem a ver com cura, realização, purificação,

estética), e ainda, sua importância está na capacidade de representar a história com maior amplitude filosófica, abarcando questões sociais, políticas, culturais, morais etc. De tal maneira que para Aristóteles (2017, p. 97 [1451b]) o historiador e o poeta diferem entre si “[...] não por descreverem os eventos em versos ou em prosa [...], mas porque um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido”.

Pois, caberia ao poeta representar os fatos como poderiam ocorrer, sob o manto do mistério, um convite não só à filosofia, mas à imaginação, à arte, ao devaneio. E como se nada fosse o bastante para a experiência por meio da arte, podemos trazer a máxima na qual Oscar Wilde (1994) em seu ensaio teatral indaga que a Vida imita a arte bem mais do que a Arte imita a vida. Talvez Bachelard e Dalí acrescentariam, em antítese, nos dizendo que o devaneio e o onírico podem transcendê-las?

Com isso, podemos observar que, mesmo utilizando de linguagens artístico/expressivas amplas, o encontro com a arte pode proporcionar o deslocamento da percepção, conectando múltiplas realidades e experiências. A educação pela via do sensível sustentada por Duarte Júnior (2010) se dirige ao intento de o indivíduo sentir e saber a si mesmo e ao mundo ao seu redor. Segundo ele, o ser humano precisa de uma certa aproximação do conhecimento com a dimensão do sensível, estabelecendo articulação da vida cotidiana com o caráter sensorial e estético (o raciocínio lógico com a sensibilidade, como o universo ambientado na literatura de Jane Austen?), com a finalidade de integrar o homem ao saber em modo poético.

Sobretudo, Duarte Júnior (2010, p. 171) intercede para que o processo educativo se desenvolva de maneira abrangente, sutil e comprometida com a estesia humana, desta forma podendo apontar como “[...] importante arma para se enfrentar a crise que acomete o nosso mundo moderno e o conhecimento por ele produzido.”

Assim, Destino sussurra melodias e imagens que atuam como um veículo dinâmico à caminho de uma experiência estética, nutritivo à imaginação, torna-se ação propositora de outras leituras, processos, encontros e devaneios em Bachelard. Diante disso relacionamos o destaque conferido ao ensino da arte e à experiência estética por Duarte Júnior (2010, p. 215) ao afirmar que “trata-se aqui de um jogo circular, na medida que os sentidos remetem à arte e esta, de volta, apela aos sentidos. Educação dos sentidos e arte-educação constituem, pois, duas instâncias do mesmo processo [...]”.

Bachelard (1988, p. 94) escreve que a existência poética reside em “[...] reconhecer a permanência, na alma humana, de um núcleo de infância, uma infância imóvel mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história”. Existe uma árvore da criança, existe uma cor, um céu, um algo próprio da criança, anterior e além do mundo dos homens. Em Bachelard, é possível acessar a este cosmos da infância livre? Um caminho é a arte. Talvez existam outros mais, por certo que existem outros... Em Hench e Roy (Disney), Dalí e Bachelard, é por meio das imagens poéticas do devaneio, ou melhor, é pela educação poética que poderemos ativar e participar da imaginação criante, e nosso existir ganhará mais cor, sabor e sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Gaston Bachelard. Walt Disney. Salvador Dalí. Educação Poética. Devaneio.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Tradução: Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 736 p.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 232 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio da Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 206 p.

BRETON, André. **Manifesto surrealista**. Transcrição de Alexandre Linares. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000015.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2020. 13 p.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 5. ed. Curitiba: Criar Edições, 2010. 225 p.

FERREIRA, Nadiá Paulo. Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística. **Ágora**, v. 5, n.1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100009>. Acesso em 13 abr. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 600 p.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. 464 p. (Coleção: Os Pensadores).

WILDE, Oscar. **A Decadência da Mentira e Outros Ensaios**. Tradução e apresentação de João do Rio. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 204 p.

WILKINSON, Philip. **O livro da mitologia**. Tradução de Bruno Alexander. São Paulo: Globo Livros, 2018. 352 p. (Série: As grandes ideias de todos os tempos).